

Folha da Embrapa



Integração Lavoura-Pecuária-Floresta: o desafio de dar equilíbrio ao campo

Páginas 6 e 7

Cidadania aos quilombolas | Página 3

Alho para a saúde | Página 8

Frango com mais sabor | Página 9



Foto: Olímpio Filho

Sumário

3 | Preocupação com os quilombolas

4 | Menos burocracia

5 | Notícias de longe

6 e 7 | Sustentabilidade nasce no campo

8 | Menos colesterol com alho

9 | Frango colonial

10 | A palavra é sua

11 | Expointer 2009

12 | Os “pratas da casa”

Homenagem ao “pai da revolução verde”

A morte do pesquisador Norman Borlaug, no último dia 13 de setembro, sensibilizou a comunidade científica e empregados da Embrapa. Nobel da Paz de 1970, Borlaug é considerado o “pai da revolução verde”, pois incentivou na década de 60 técnicas agrícolas que ajudaram no combate à fome no mundo. Ele criou variedades de trigo com maior rendimento e mais resistência a doenças, que permitiram aumentar a produção agrícola em países como o Brasil e a Índia. Teve um papel fundamental na implantação da Embrapa Trigo (Passo Fundo, RS) e da Embrapa Cerrados (Brasília, DF).

“A morte de Norman Borlaug foi uma grande perda para o Brasil e para a Embrapa” – refletia, dias atrás, Eliseu Alves, o primeiro diretor-presidente da Embrapa, que conheceu de perto a garra e a determinação de Borlaug. Eliseu lembra que “quando enfrentávamos resistências à implantação de um modelo baseado em centros nacionais, ele foi um grande aliado na batalha junto às autoridades brasileiras, à Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), ao Banco Mundial, ao governo norte-americano e suas universidades” – enfatiza.

Foi Borlaug, aliás, quem abriu as portas para empréstimos no Banco In-

teramericano de Desenvolvimento (BID) e no Banco Mundial (BIRD), avalizando a competência e a seriedade da Embrapa. Sua influência no Conselho Científico do Consultative Group on International Agricultural Research (CGIAR) também foi decisiva para abrir portas à Embrapa para uma colaboração de igual para igual com todos os centros internacionais.

“Norman foi um vitorioso em todos os sentidos, como humanista, como cientista e homem de ação. Seu fim chegou, mas em pleno combate, pois esteve na África pouco antes de nos deixar e juntar-se ao Criador de quem sempre foi um grande amigo” – finaliza Eliseu. ■

Errata

Na reportagem “Operação Arco Verde: Unidades estão mobilizadas”, publicada na edição nº 128, esclarecemos que a operação é realizada na Amazônia Legal e tem participação efetiva da Embrapa Transferência de Tecnologia (Brasília, DF).

Participe do Folha da Embrapa

Pelo Malote

Envie sua sugestão para:
Editor-executivo do Folha da Embrapa.

Assessoria de Comunicação Social (ACS). Sala 222, Sede da Embrapa.

Por e-mail

Escreva para:

folhadaembrapa@embrapa.br



EXPEDIENTE - Folha da Embrapa é uma publicação editada pela Assessoria de Comunicação Social (ACS) da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa), vinculada ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA). **Endereço:** Parque Estação Biológica s/nº Edifício Sede. **CEP:** 70.770-901 - Brasília-DF. **Fones:** (61) 3448-4834 - **Fax:** (61) 3347-4860. **Diretor-Presidente:** Pedro Antonio Arraes Pereira. **Diretores:** José Geraldo Eugenio de França, Kepler Euclides Filho e Tatiana Deane de Abreu Sá. **Coordenadora de Comunicação Interna:** Gilceana Soares Moreira Galerani. **Coordenadora de Imprensa:** Marita Feres Cardillo. **Coordenadora de Eventos e Publicidade:** Maria da Graça Monteiro. **Fotolitagem, Impressão e Acabamento:** Embrapa Informação Tecnológica. **Fone:** (61) 3349-6530.

Editores: Rose Azevedo Mtb 2978/13/74/DF **Editora executiva:** Sandra Zambudio Mtb 939/81/PR. **E-mail:** sandra.zambudio@embrapa.br. **Revisão:** Joanicy Brito. **Editoração Eletrônica:** André Scofano e Roberta Barbosa. **Conselho Editorial:** Rose Azevedo, Gilceana Galerani, Tatiana Martins, Mônica Silveira e Sandra Zambudio, da ACS; Marcos Esteves, da Embrapa Hortaliças (Gama, DF); Regina Vilarinho, do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD); Tatiana Junqueira Salles, do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP); Thomaz Franzaglia, da Secretaria de Gestão e Estratégia (SGE). **Convidado:** Valéria Costa, da Embrapa Transferência de Tecnologia (Brasília, DF).

Jornal produzido em papel reciclado

Cidadania aos quilombolas

Valéria Costa

Identidade e sobrevivência. Essa é a busca de cinco comunidades quilombolas localizadas no sertão pernambucano. Trabalhadores do campo, em sua maioria, cansaram de lutar sozinhos contra a escassez de terras, água e fertilidade do solo e decidiram buscar apoio na pesquisa desenvolvida pela Embrapa, tanto para seleção e resgate das variedades tradicionalmente utilizadas pelos grupos como para a introdução de materiais mais produtivos. Iniciativas nesse sentido são desenvolvidas sob coordenação da Embrapa Transferência de Tecnologia (Brasília, DF), desde maio, por meio do *Projeto Semente Crioula, Resistência Quilombola*, da Secretaria Especial de Políticas Para a Igualdade Racial (Seppir), com a qual a Embrapa mantém convênio.

A construção da soberania alimentar nas comunidades está sendo feita por meio do viés produtivo. Para tanto, os agricultores desenvolveram ensaios com variedades

de milho e feijão, conduzidos pelas próprias comunidades e com suporte de pesquisadores e técnicos da Embrapa. Resistências culturais tiveram de ser vencidas, mas os resultados da metodologia participativa e do aprender fazendo começam a aparecer.

“No começo eu e muita gente duvidamos que alguma coisa pudesse nascer com aquele espaçamento, mas a gente aceitou fazer o teste e agora viu que pode acreditar, dá certo mesmo”, diz Adriana Maria de Jesus da Silva Diniz, da Comunidade Feijão/Mirandiba. Na comunidade Jatobá II/Cabrobó, houve problema com pulgão, “mas até isso foi positivo, porque se não aparecesse agora, como é que a gente ia saber como lidar com ele depois?”, argumenta João Evangelista da Silva.

Depois de fazerem coleta e inventário das variedades crioulas e comerciais in-

troduzidas, a próxima etapa do trabalho será o treinamento para a estruturação dos bancos de sementes e viveiros comunitários que serão construídos nas comunidades, com recursos do Programa de Fortalecimento e Crescimento da Embrapa – PAC Embrapa. São R\$ 63 mil para complementar recursos já destinados a ações de capacitação, publicação de cartilhas, implantação de bancos de sementes e viveiro comunitário, além de elaboração de vídeo para documentação do projeto. ■

Aprendizado mútuo

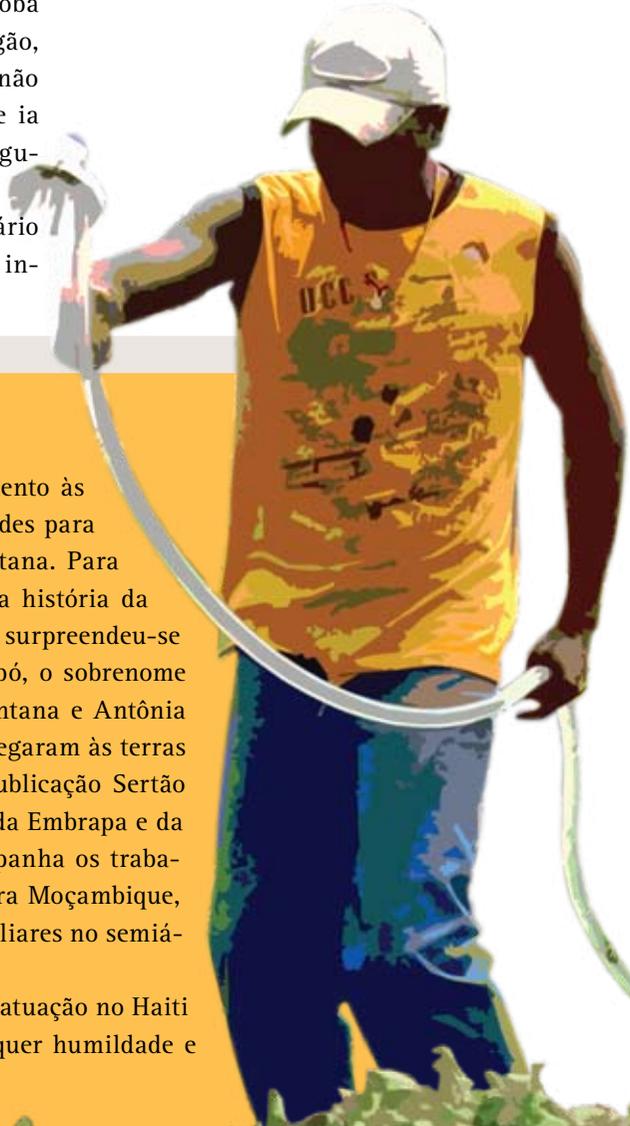
“Foi como ajudar a conferir certidões de nascimento às sementes crioulas”, avaliou líder do plano de atividades para transferência de tecnologia do Projeto, Alberto Santana. Para atuar com as comunidades, o pesquisador estudou a história da formação dos quilombos no sertão do Pernambuco e surpreendeu-se ao descobrir que fazia parte dela. Natural de Cabrobó, o sobrenome Santana o remeteu ao casal Raimundo Paulo de Santana e Antônia Maria da Conceição, negros que por volta de 1900 chegaram às terras da atual Jiquiri. A comunidade foi catalogada na publicação *Sertão Quilombola*, do Centro Cultural Luiz Freire, parceiro da Embrapa e da Seppir no Projeto Sementes Crioulas. Santana acompanha os trabalhos até o final da primeira etapa e depois segue para Moçambique, onde a experiência adquirida tanto com os quilombolas como com agricultores familiares no semiárido brasileiro lhe será de grande valor, aponta.

O pesquisador da Embrapa Hortaliças, Nuno Madeira, fez o caminho inverso. A atuação no Haiti mostrou que disponibilizar tecnologia para determinados setores da sociedade requer humildade e sensibilidade para o diálogo. É o que vai exercitar junto às comunidades quilombolas pernambucanas, onde deverá trabalhar com hortaliças tradicionais devido às vantagens do ponto de vista da segurança alimentar e do resgate cultural.

Fotos: Valéria Costa



O pesquisador Nuno Madeira conversa com os quilombolas



Vida corporativa vai ficar

MAIS LEVE

Sandra Zambudio

Ele preside a Comissão Permanente de Desburocratização da Embrapa, que tem uma árdua tarefa: acabar com a burocracia que impede a agilidade e a eficiência de importantes processos de gestão da Empresa. Veja, nesta entrevista, como Gerson Barreto pretende deixar a vida da Embrapa mais simples.

Folha: Como a Embrapa pretende tornar corporativo o Programa de Desburocratização que será executado por uma comissão presidida por você?

Gerson Barreto: O diretor-presidente, Pedro Arraes, está empenhado não só em tornar o programa corporativo, como contar com a participação de todos os empregados da Embrapa. Para isso o primeiro passo foi oficial. Ou seja, por meio da Portaria nº 994, de 7/08/2009, criou a Comissão Permanente de Desburocratização, composta por representantes da assessoria do diretor-presidente, da Secretaria de Gestão e Estratégia (SGE), do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento (DPD), da Assessoria Jurídica (AJU), da Assessoria de Auditoria Interna (AUD), do Departamento de Administração Financeira (DAF), do Departamento de Gestão de Pessoas (DGP), do Departamento de Administração de Materiais e Serviços (DRM) e do Departamento de Tecnologia da Informação (DTI).

A finalidade dessa Comissão é

ordenar as ações de desburocratização na Embrapa. O Programa já chegou a todas as Unidades Descentralizadas, com a criação de subcomissões de desburocratização, cuja tarefa é gerenciar as ações de desburocratização em cada uma delas.

Folha: A desburocratização já foi prioridade na Empresa em outras gestões. No entanto, as ações perderam-se no tempo. O que será diferente nessa gestão?

Gerson: Desconheço qualquer ato administrativo sobre desburocratização nas gestões passadas. A iniciativa de promover a melhoria de processos, com ações efetivas e simplificadas, buscando remover os entraves burocráticos de processos, procedimentos, rotinas ou atividades, que geram fluxos desconexos na tramitação de documentos e que não agregam valor ao serviço prestado pela Embrapa, partiu do atual diretor-presidente. Ele, aliás, está envolvido e comprometido em todo o processo – atitude essencial para o sucesso de qualquer ação dessa natureza.

Folha: Como as Unidades Centrais (UCs) e as Unidades Descentralizadas (UDs) estão sendo envolvidas para que essa prioridade seja realmente corporativa?

Gerson: Considero que a criação da Comissão foi o primeiro passo. Depois, veio a elaboração de um documento orientador, feito com muito cuidado por todos nós, membros da Comissão Permanente de Desburocratização, que será encaminhado às UD's. São orientações de como devem ser formadas as subcomissões, inclu-

sive, com indicações do perfil desejado dos membros. Formas de identificar os processos críticos existentes na Unidade e como devem ser as ações de mobilização são alguns dos assuntos abordados no documento, que já está sendo encaminhado a todas as Unidades.

Folha: Levando-se em consideração sua experiência como gestor na Embrapa, quais devem ser as prioridades desse trabalho?

Gerson: Em primeiro lugar, o sucesso de qualquer ação dessa magnitude precisa ter o comprometimento da alta direção, dos coordenadores, dos supervisores, das equipes, enfim, de todos. No campo das ações propriamente ditas considero essenciais as estratégias: 1. Descentralização administrativa: delegar competência aos chefes-gerais ou gerentes-gerais das UD's para firmarem, como representantes da Embrapa, contratos, convênios, acordos, projetos de cooperação técnica e ajustes em geral; 2. Mudança de atitudes e posturas: desburocratizar é mudar comportamentos e atitudes, que nascem e tendem a ser perpetuadas em teorias, tradições, hábitos e procedimentos inadequados; 3. Implantação de procedimentos eletrônicos para reduzir a burocracia e reduzir custos; 4. Revisão das principais normas: as oriundas do DGP sobre movimentação de pessoas, insalubridade e periculosidade; as de competência do DRM: como compras, materiais e sevoventes e do DAF: viagem e suprimento. 5. Programa de comunicação interna, para que todos os empregados possam participar do processo e ser informados a respeito de todas as ações que estão sendo desenvolvidas.

Gerson Barreto é assessor do diretor-presidente da Embrapa.
E-mail: desburocatizacao@embrapa.br

Novo coordenador para o Labex-EUA

O Laboratório Virtual da Embrapa nos Estados Unidos ganhou novo coordenador desde setembro. Ladislau Martin Neto, pesquisador e ex-chefe da Embrapa Instrumentação Agropecuária (São Carlos-SP), terá a responsabilidade de conduzir o Labex naquele país. Atual coordenador do Comitê Gestor da Plataforma de Mudanças Climáticas da Embrapa e representante da Região Sudeste no Comitê Gestor de Estratégias (CGE) da Empresa, Ladislau Martin vislumbra a possibilidade de ampliar o número de cooperações dos pesquisadores no Labex EUA. Entre os desafios à sua frente, figura a identificação de novas demandas e oportunidades de pesquisas e projetos, incluindo aqueles a serem executados em períodos curtos nos EUA, e que o Labex possa apoiar. Conforme a necessidade, profissionais de determinadas áreas poderão ser deslocados para os EUA. “Ganha-se tempo e qualidade nas pesquisas”, assegura o novo coordenador.

Ladislau Martin Neto



Foto: Mônica Silveira

Labex coreano no Brasil

A ideia é do Brasil e está se espalhando pelo mundo. No entanto, já deu frutos tão bons que o mundo começa a olhar o Brasil com muita atenção. Estamos falando dos laboratórios virtuais da Embrapa no exterior, os Labex, que começam a ser adotados por países como a Coreia do Sul. Depois de conhecer como funcionam os Labex no mundo e as inúmeras possibilidades de cooperação com o Brasil, os coreanos não pensaram duas vezes: instalaram, na Sede da Embrapa, escritório do Republic of Korea Abroad Virtual Laboratory (RAVL), o Labex coreano, onde o pesquisador Boh Suk Uang está trabalhando a todo o vapor. Da mesma forma, os últimos preparativos estão sendo feitos para que o laboratório brasileiro na Coreia, que irá funcionar na cidade de Suwon, 40 km ao sul da capital Seul, inicie suas atividades o mais breve possível. Inicialmente, as instalações físicas ficarão dentro da Agência de Desenvolvimento Rural (RDA). A princípio, dois pesquisadores irão atuar no Labex Coreia, respectivamente nas áreas de sanidade animal e recursos genéticos. O pesquisador Maurício Antônio Lopes, da Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia (Brasília, DF) é um deles e irá atuar na área de recursos genéticos, onde deverá permanecer por um período mínimo de dois anos.

Foto: arquivo Embrapa



Maurício Antônio Lopes

Brasil e França fortalecem cooperação

A Embrapa e o Centro de Cooperação Internacional de Investigação Agrônômica pelo Desenvolvimento (CIRAD) são parceiros também nas pesquisas que envolvam biologia avançada, desenvolvimento regional e gestão dos recursos naturais da Amazônia, políticas públicas e desenvolvimento territorial sustentável para a agricultura familiar e apoio à agricultura no continente africano. Em setembro, o diretor-presidente da Embrapa, Pedro Arraes e do CIRAD, Gérard Matheron, assinaram declaração estratégica de cooperação nessa área. Parceiros há mais de 25 anos, Embrapa e CIRAD fortalecem a cooperação científica e o diálogo político entre ambos os países, ao firmarem a estratégia que será trabalhada nos próximos seis anos. Hoje, seis pesquisadores do CIRAD estão lotados no Brasil, em unidades da Embrapa e dois pesquisadores do Laboratório Virtual da Embrapa no Exterior (Labex-Europa) estão lotados em Montpellier, França, em unidades de pesquisa do CIRAD. Ao todo, 20 projetos de pesquisa estão em andamento.

Universidade de Wageningen e Embrapa discutem acordo

Os primeiros desenhos do acordo de cooperação entre a Embrapa e a Universidade de Wageningen, da Holanda, (UW-ASG) foram traçados na Embrapa Gado de Corte (Campo Grande-MS), em setembro, por aproximadamente 50 especialistas. Cientistas da Embrapa e da área de ciência animal da UW conheceram os trabalhos das duas instituições nesse segmento. Pastagens e forragens, manejo de sistema de produção e qualidade de produtos e genômica e genética animal foram os temas discutidos nesse primeiro encontro.

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta: alternativa sustentável para o campo brasileiro

Robinson Cipriano

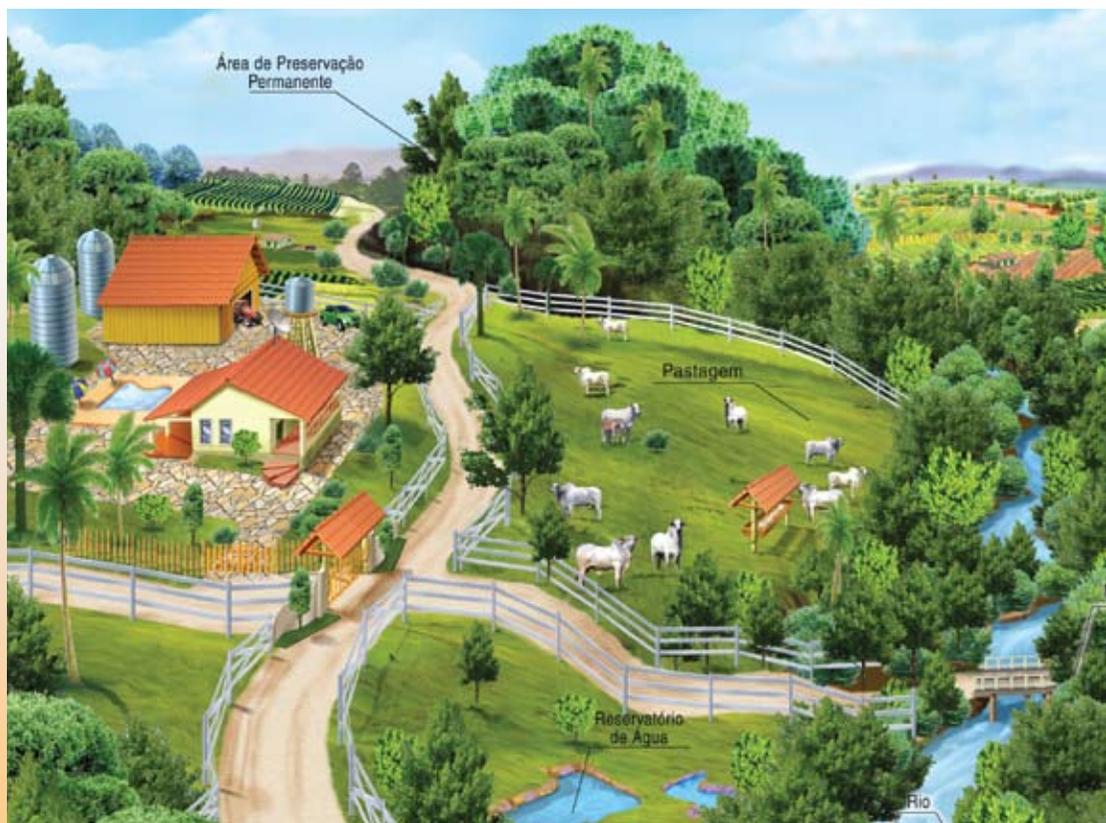
Há mais ou menos 30 anos, cientistas da Embrapa começaram a pesquisar novas formas de integrar atividades de pecuária e agricultura em uma mesma propriedade, promovendo rotações de culturas e mudando sistemas de uso da terra. A ideia não era nova, pois alguns produtores já ousavam fazer alguns experimentos inovadores nessa área desde o século XIX, no Sul do Brasil. Mesmo assim, esses colegas foram taxados de malucos por alguns e tiveram que enfrentar resistências, preconceitos e falta de apoio institucional.

Como eram poucos, cada um foi desenvolvendo seu trabalho isoladamente ou em grupos muito pequenos, em centros de pesquisa dispersos pelo território nacional: na Embrapa Gado de Corte, na Embrapa Agropecuária Oeste, na Embrapa Arroz e Feijão, na Embrapa Cerrados, na Amazônia, no Semi-Árido ou no Sul do país.

Aos poucos, porém, resultados expressivos começaram a surgir e se espalhar entre eles. Ora era a produtividade de uma área que aumentara em níveis inesperados, ora era a resiliência de uma pastagem (a capacidade do sistema reagir a distúrbios voltando à produção em menor tempo) ou então o quanto um produtor ganhava em opção e diminuía a sua vulnerabilidade a partir da diversidade de produtos obtidos na sua propriedade. Um outro componente passou também a ser estudado: a produção florestal junto com a atividade pecuária e, ou, a agricultura.

Esses resultados começaram a despertar a atenção tam-

Esquema de ILPF



Um pouco de história

As primeiras experiências com sistemas integrados de lavoura-pecuária no Brasil talvez tenham surgido há mais de cem anos no Paraná, com o sistema faxinal – uma forma de organização camponesa, por meio de um criadouro comunitário. Com a abertura dos Cerrados, surgiram os primeiros projetos científicos da Embrapa. Primeiro, envolvendo arroz e braquiárias; depois, por meio de sistemas mais complexos, como o Barreirão (com foco na recuperação de áreas degradadas) e o Santa Fé (com produção de forragem para entressafra e palhada para plantio direto). O experimento mais antigo já tem 19 anos e é coordenado pelo pesquisador Lourival Vilela, da Embrapa Cerrados. Na Amazônia foram sucesso o sistema envolvendo seringueira e soja e o agrossilvipastoril. No Semi-Árido, o CBL (sistema caatinga-capim buffel-leucena) e a palma forrageira consorciada com gliricídia, feijão e milho. E no Sul, o trigo duplo propósito ainda faz sucesso como alternativa para cultura de inverno.

Nos últimos dez anos, vários projetos da Embrapa abriram novas fronteiras de pesquisa com ILPF, promovendo as primeiras interações entre equipes e troca de experiências e informações.



bém dos produtores, de extensionistas, de agentes governamentais e de outros cientistas. E no final do século XX foram propostos os primeiros sistemas integrados de produção da Embrapa.

Pela primeira vez o Brasil começou a falar em sistemas de integração lavoura-pecuária com respeito e seriedade.

Foi preciso muita persistência para fazer desse sonho de muitos pesquisadores uma realidade. Tanto que somente agora, em agosto de 2009, muitos desses corajosos pesquisadores e analistas puderam se reunir pela primeira vez para discutir os avanços e os principais problemas da pesquisa e da transferência de tecnologia envolvendo

sistemas integrados de lavoura, pecuária e floresta.

Durante esse evento, que durou três dias em Brasília, o grupo levantou uma série de questões, com proposições claras de ações para serem estudadas pela Diretoria e pelos centros de pesquisa. Alguns gargalos de pesquisa apontados já foram priorizados e serão objeto agora de articulação para constituição de projetos de pesquisa encomendados, com mérito estratégico já reconhecido.

Apesar do reconhecimento tardio, os desafios ainda são grandes para levar a Integração Lavoura-Pecuária-Floresta (ILPF) até o campo brasileiro. “Já temos um portfólio considerável de tecnologias desenvolvidas em conjunto com o Sistema Nacional de Pesquisa Agropecuária, o SNPA, para serem transferidas para os produtores interessados”, explica Luiz Carlos Balbino,

coordenador do maior projeto de transferência de tecnologias de ILPF da Embrapa. “Mas é preciso ainda muita articulação com entidades, com a iniciativa privada, com os próprios produtores e com a assistência técnica, que precisa ser melhor valorizada na maioria dos Estados”, complementa o agrônomo da Embrapa Transferência de Tecnologia.

O ILPF é um sistema sustentável, onde a propriedade tem que ser vista

e trabalhada como um todo. “É evidente que o custo da implantação desse conjunto de tecnologias é alto. Por isso, precisamos também de mais políticas públicas de incentivo, principalmente de financiamento para os produtores”. ■

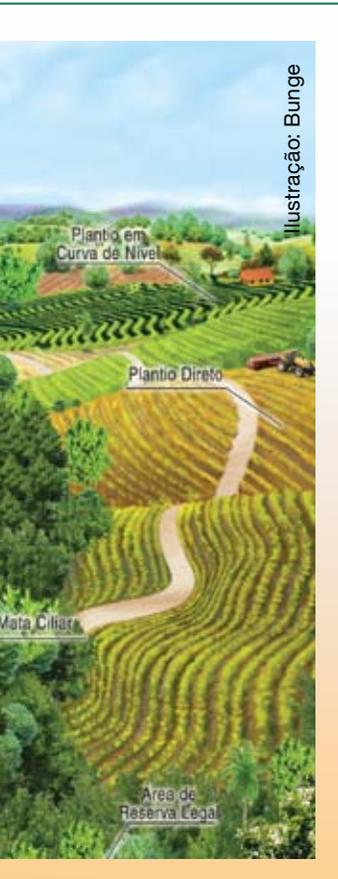


Ilustração: Bunge

Marco referencial

A criação de um marco referencial para a ILPF no Brasil é um dos resultados mais esperados do projeto de transferência de tecnologia coordenado por Balbino. A primeira versão do conceito oficial de ILPF está saindo do forno:

“A ILPF é uma estratégia de produção sustentável que integra atividades agrícolas, pecuárias e florestais, realizadas na mesma área, em cultivo consorciado, em sucessão ou rotacionado, buscando efeitos sinérgicos entre os componentes do agroecossistema, contemplando a adequação ambiental, a valorização do homem e a viabilidade econômica”.

A estratégia de ILPF contempla quatro modalidades de sistemas:

- Integração Lavoura-Pecuária: agropastoril
- Integração Lavoura-Floresta: silviagrícola
- Integração Pecuária-Floresta: silvipastoril
- Integração Lavoura-Pecuária-Floresta: agrossilvipastoril



Um trabalho de grandes proporções

Transferir os principais resultados e tecnologias dos projetos de pesquisa de ILPF é o principal objetivo do projeto Transferência de Tecnologias para Sistemas de Integração Lavoura-Pecuária-Floresta, do Macro Programa 4 (MP 4):

- **30** Unidades Descentralizadas envolvidas;
- Cerca de **130** empregados trabalhando;
- Abrange quase todos os Estados;
- **128** Unidades de Referência Tecnológica (campos de demonstração), que ocupam 743 hectares em todo o Brasil.

Integração Lavoura-Pecuária-Floresta

Pesquisa confirma: alho pode reduzir o colesterol

Marcos Esteves

*Você já ouviu falar
Da pílula de alho?
É uma pílula amarela
Cê toma uma daquela
Nem sabe o que é que sente
Mas a infecção já era*

...

Pílula de Alho, Gilberto Gil

E Gilberto Gil está certo! As propriedades medicinais dessa hortaliça são milenares e têm sido comprovadas pela moderna ciência. Em 2001, pesquisadores britânicos do Garlic Centre publicaram um estudo no qual afirmam que pessoas que tomam uma pílula de alho por dia estão menos propensas a resfriados comuns.

Agora, uma pesquisa da Embrapa Hortaliças (Brasília-DF) e da Faculdade de Saúde da Universidade de Brasília (UnB) comprova que o alho pode curar problemas bem mais graves que uma simples gripe. O estudo, realizado pela doutoranda Ester Yosino da Silva e orientado pelos pesquisadores da Unidade Celso Luiz Moretti e Leonara Mansur Mattos, foi buscar informações sobre o efeito do composto ativo mais comum do alho, a alicina, na redução do colesterol e na prevenção do infarto agudo do miocárdio.

Segundo Ester Yosino, o objetivo do estudo foi determinar quais os efeitos de diferentes tipos de processamento e armazenamento sobre a concentração de alicina e de outras características químicas e físicas em diferentes cultivares de alho. A segunda etapa foi avaliar os efeitos da substância na redução de colesterol e na prevenção do infarto agudo do miocárdio em cobaias.

Foram utilizadas duas variedades

de alho brasileiro (Caçador e Peruano) e uma de alho chinês (*Jinxiang*). De acordo com Leonara Mansur, a pesquisa também avaliou outras características químicas e físicas da hortaliça e apontou uma vantagem para o produto nacional. “As variedades brasileiras avaliadas apresentaram mais propriedades funcionais que o alho chinês”, afirma.

Calma com a pílula

A pesquisadora da Embrapa destaca que a pesquisa com cobaias confirmou os efeitos positivos do consumo de alicina. Ela explica que o estudo utilizou ratos, que foram divididos em dois grupos. O primeiro recebia uma dieta rica em gordura enquanto o segundo tinha um cardápio equilibrado. Os dois grupos recebiam doses iguais da substância e, nos dois casos, foi observada a redução nos níveis de triglicerídeos e de colesterol. A pesquisa, no entanto, não confirmou a ação do alho na prevenção do infarto.

Os efeitos benéficos foram confirmados, mas, se você tem colesterol alto, não precisa comprar caixas e mais caixas de pílulas de alho. Ester Yosino explica que a dosagem de alicina recomendada para pessoas ainda não pode ser determinada. Para isso, são necessários estudos específicos com seres humanos.

Outra questão é a volatilidade da substância. Segundo a pesquisadora, a alicina forma-se apenas quando o dente de alho é cortado ou macerado e entra em contato com água. E tão rapidamente quando surge, ela se degrada. O calor e o tempo são fatores que fazem a substância desaparecer. Por isso, a melhor forma de obter alicina é saborear o alho in natura, cortado ou esmagado, ou em pó. Mas Ester Yosino alerta que o consumo excessivo da hortaliça também pode causar riscos à saúde, como anemia. Para ela, o consumo máximo diário não deve ultrapassar dez gramas, ou três dentes grandes, no caso do produto in natura, ou um grama de alho em pó. ■



Leonara Mansur Mattos e Celso Luiz Moretti, pesquisadores da Embrapa Hortaliças

Foto: Marcos Esteves

Alho

CONTÉM

Vitamina E, flavonóides, selênio e organosulfurados

VANTAGENS

- » atua contra processos inflamatórios e alergias;
- » fortalece os sistemas imunológico e circulatório;
- » protege contra doenças crônicas associadas ao envelhecimento.

Gostinho do passado, mas com tecnologia

Christiane Rodrigues Congro

Osabor e o aroma lembram os almoços de domingo das casas das cidadezinhas do interior do Brasil, há muitos anos. Tempos em que não podia faltar um saboroso frango criado solto, pastando e ciscando no terreiro, e alimentado com resíduos.

Pois a Embrapa Clima Temperado (Pelotas, RS) resgatou esse tempo quando iniciou o projeto de Avicultura Colonial há dez anos. Hoje, mais de 100 famílias de agricultores familiares na zona Sul do RS são beneficiadas com a produção de frango colonial que é comercializada nos municípios.

O responsável por resgatar o gostinho e o aroma do passado do frango colonial é a equipe do pesquisador João Pedro Zabaleta, da Embrapa Clima Temperado, líder do projeto conduzido em parceria com o “Conjunto Agropecuário Vis-

O avicultor Sinval da Silva, trabalha com o projeto também em Mariana Pimentel há um ano. Segundo ele, as pequenas dificuldades enfrentadas no início da criação, já foram superadas e hoje rendem bons resultados. “O projeto está sendo muito bom para mim e, por isso, pretendo dobrar o número de aves que tenho hoje”, afirma ele.

conde da Graça” (CAVG/UFPel). Seus olhos brilham quando ele fala do projeto: “a carne do frango colonial é muito saborosa e apresenta baixo teor de gordura”, enfatiza. Além disso, apresenta cor amarelada e textura mais firme, realçando o sabor. Ele lembra também que a avicultura colonial é uma alternativa para a diversificação da renda na agricultura familiar, especialmente nas regiões produtoras de tabaco. Com o frango colonial, o avicultor tem diversas fontes de renda ao longo do ano e um mercado que é favorável ao consumo. Os ovos também são muito procurados pelos consumidores, pois apresentam cor amarelada intensa e sabor diferenciado.

A ave colonial se alimenta com ração à base de grãos, sem a presença de farinhas de origem animal ou outros produtos que melhoram o desempenho. Os resíduos de batata-doce e aipim também contribuem para a alimentação das aves. São

Darci Turatto, que reside em Mariana Pimentel, trabalha com avicultura há um ano, alterou a dieta de seus animais do milho para a ração feita a base de batata-doce e aipim, e já observou os resultados. “Depois que eu mudei a alimentação das aves, as pessoas me dizem que o gosto da carne está muito melhor”, diz.



Foto: Manoela Castro

secos em estufa de fumo, triturados, e em balanceamento adequado são fornecidos para a nutrição de aves”, diz Zabaleta. Uma das contribuições desses resíduos é a grande diminuição de custos de criação.

Em Mariana Pimentel, localizada no sul do Rio Grande do Sul e onde os trabalhos estão sendo desenvolvidos, a demanda pela carne é tão boa que já está sendo construída uma fábrica de ração à base desses resíduos, com recursos do PAC Embrapa. “Cuidando da alimentação das aves, é possível manter também um padrão de qualidade nos produtos (carne e ovos) que são comercializados”, explica o pesquisador.

Zabaleta divulga o projeto em outras regiões e sempre faz questão de promover cursos, palestras, dias de campo e acompanhamento das unidades demonstrativas dos agricultores que aderem ao projeto do frango colonial. “O manejo diferenciado com acesso a pastagens e maior bem-estar animal servem para que os produtos tenham uma qualidade diferenciada, ao mesmo tempo em que diminuem o custo de produção”, explica. A metodologia participativa utilizada estimula a integração entre as visões de pesquisadores, agricultores e lideranças locais. ■ (Colaboração: Manoela Soares)

A produtora rural Eni Silva Lopes trabalha com a venda de carne e ovos derivados do frango colonial no município de São José do Norte. Para ela, a importância do projeto foi além da alimentação da sua família. Eni e o marido, que são os responsáveis pelas aves, falam do incremento na renda da família oriundo da venda dos produtos da avicultura, que beneficiou não apenas o casal, mas também seus dois filhos, noras e netos. Ela era produtora de cebolas quando iniciou o trabalho de criação, com uma unidade demonstrativa do projeto de avicultura colonial. Desde então, a produtora dedica-se às aves, de onde vem tirando seu sustento. “Não tenho palavras para agradecer o empenho da Embrapa ao nos acompanhar, fazer reuniões e nos dar dicas de manejo. Eu indico o projeto a outros agricultores, para que pensem nessa possibilidade e que tenham certeza de que é uma alternativa recompensadora”, enfatiza.



João Pedro e sua equipe de pesquisa

Eles querem saber

Requisitos para sair em mestrado e doutorado e enquadramento de cargos são questões respondidas pelo Departamento de Gestão de Pessoas.

Foto: Ana Luiza Viegas



Geraldo Redin Carnejo,
assistente da Embrapa Clima
Temperado (Pelotas, RS)

Foto: Maria Eugênia Ribeiro



Alexandre Marcolino,
analista da Embrapa
Meio Norte (Teresina, PI)

O Assistente C preenchendo os requisitos passa, sem prestar concurso público, para assistente B. O pesquisador B, preenchendo os requisitos passa, sem prestar concurso público, para pesquisador A. O analista B, preenchendo os requisitos passa, sem prestar concurso público, para analista A. Porque o assistente B, mesmo preenchendo os requisitos, não pode passar para Assistente A, sem prestar concurso público?

Caro Geraldo, o Artigo 37, parágrafo II da Constituição Federal, traz que “a investidura em cargo ou emprego público depende de aprovação prévia em concurso público de provas ou de provas e títulos, de acordo com a natureza e a complexidade do cargo ou emprego, na forma prevista em lei”. Assim, para a definição dos cargos da Empresa, foram consideradas tanto a natureza quanto a complexidade das atividades. A complexidade está atrelada ao nível de escolaridade exigido para cada cargo, ou seja, nível fundamental, médio e superior. O Plano de Carreiras da Embrapa (PCE) indica que o cargo de assistente, classes B e C, deverá ser preenchido por empregados que possuem até o nível fundamental (completo ou incompleto, respectivamente). Já o cargo de assistente classe A requer nível médio. Mesmo que o empregado preencha o requisito de possuir o nível médio completo, a investidura em cargo público por meio de concurso como assistente B ou C se deu por escolha pessoal ou por, na época, a pessoa não ter a formação requerida. Assim, conforme definido na Constituição, para assumir um cargo de complexidade diversa do atual, o empregado tem que ser novamente aprovado em concurso público. Situação similar se dá para a ascensão de assistente A para analista B, que requer uma formação escolar diferente, ou de analista para pesquisador, pois são cargos de naturezas distintas.

“No edital que a Embrapa abre para especialização *stricto sensu* (mestrado e doutorado), existe o requisito de “tempo mínimo de casa” de quatro anos para sair para mestrado e de dois anos para sair para doutorado. Qual o critério adotado para diferenciar um do outro? Por que eu posso, com 2 anos de casa, me candidatar ao doutorado, mas não posso pleitear um curso de mestrado? Não seria justo que fosse o mesmo tempo para ambos?”

Prezado Alexandre, de acordo com a seção 6.4 da norma de pós graduação (deliberação nº 9/2005), a formação em mestrado é prioritária para os ocupantes dos cargos da carreira de suporte à pesquisa, enquanto que a formação em doutorado é prioritária para a carreira de pesquisa. É por isso que se entende que o empregado que sairá para o mestrado precisa de mais experiência na Empresa, de forma que possa propor contribuições aprofundadas em seu trabalho. Já o curso de doutorado, por visar a criação de conhecimento novo direcionado a questões metodológicas e científicas, pode ser realizado com um prazo de maturidade menor. Além disso, o empregado que entra na Embrapa com mestrado já traz consigo conhecimentos metodológicos que o amparam ao doutorado.

É possível um empregado concorrer ao curso de doutorado sem ter feito o de mestrado. No entanto, assim como ocorre nas universidades, o processo seletivo é bem criterioso e só aprovará o candidato que, além de cumprir os requisitos, tiver reais condições de desenvolver um trabalho que traga significativa contribuição técnico-científica para sua função na Embrapa.

Colaboração: Maria Eugênia Ribeiro e Ana Luiza Viegas

Expointer 2009



Lançamentos, homenagens a parceiros, visitas de diplomatas, produtores, técnicos e autoridades marcaram a participação da Embrapa na Expointer 2009, a maior feira agropecuária da América Latina, que se realizou de 29 de agosto a 7 de setembro, em Esteio, RS. Cerca de 45 colegas das Unidades Descentralizadas e do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento trabalharam na Casa da Tecnologia, que este ano recebeu a visita do diretor-presidente Pedro Arraes, do Ministro de Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Reinhold Stephanes, de chefes de Unidades, além de autoridades de órgãos e instituições do Governo Federal, Estadual e Municipal, associações, parceiros e imprensa.

Foto: Arquivo Embrapa



Colegas das Unidades que trabalharam na Expointer

Homenagens aos parceiros

O trabalho dos parceiros é tão importante que a Empresa homenageou, com o troféu “Parceiros da Agricultura”, alguns deles, como forma de reconhecer e valorizar pessoas e empresas que apóiam o trabalho da Embrapa. A iniciativa, que partiu das chefias das Unidades da Região Sul, foi entregue à Federação dos Trabalhadores em Agricultura Familiar do Rio Grande do Sul – Fetrasul, na categoria Agricultura Familiar, pelo trabalho realizado junto às famílias dedicadas à agricultura familiar; à Federação das Indústrias do Estado do Rio Grande do Sul – Fiergs, na categoria Agricultura Empresarial, pelo desenvolvimento de biocombustíveis no Rio Grande do Sul; à Petrobras Combustíveis, na categoria Inovação, pela abertura de uma nova frente para produção de combustíveis, a partir da valorização da produção agrícola. Na categoria Comunicação, a homenagem foi para a Revista A Granja, pela sua colaboração na divulgação das principais ações de pesquisa da Embrapa.

Um dos pontos altos das atividades realizadas na Casa da Tecnologia foi a solenidade de lançamento de tecnologias. Confira as novidades que a Embrapa apresentou:



Duas cultivares de pêssego: BRS Libra e BRS Âmbar – resultados do trabalho de melhoramento desenvolvido pelos pesquisadores da Embrapa Clima Temperado (Pelotas, RS), em parceria com o Escritório de Negócios de Campinas, SP, da Embrapa Transferência de Tecnologia (Brasília, DF).



Cultivar de trigo BRS 296: tem como principais características a sanidade e a rusticidade, fatores que permitem um baixo custo de produção nas diversas regiões tritícolas. Foi desenvolvida por pesquisadores da Embrapa Trigo (Passo Fundo, RS).



Catálogo de Cultivares de Citrus de Mesa 2009 e Zoneamento de Oliveiras no Rio Grande do Sul: duas publicações da Embrapa Clima Temperado. O Catálogo apresenta detalhes de 13 cultivares de citros pesquisadas pela instituição e adaptadas à Região Sul.



Cartilha “Gripe A – Recomendações para a Prevenção na Suinocultura”: editada pela Embrapa Suínos e Aves (Concórdia, SC). A cartilha traz uma série de orientações aos produtores para que possam adotar, em suas granjas, medidas preventivas, como reconhecer os sinais de contaminação de suínos por pessoas e a contaminação de pessoas por suínos, caso venham a ocorrer. A cartilha traz, também, práticas e cuidados sanitários que os trabalhadores de abatedouros precisam ter quando atuam no recebimento e na condução dos animais para abate. ■ (Colaboração: Joseani M. Antunes)

Prêmios à Embrapa

A Embrapa também participou de solenidades e recebeu prêmios durante a Expointer 2009. O diretor-presidente, Pedro Arraes, recebeu o prêmio Destaques 2009 – A Granja do Ano, na categoria “Pesquisa Agropecuária”. O prêmio é concedido pela revista A Granja do Ano, de Porto Alegre/RS, a líderes de segmentos do agronegócio nacional. A Embrapa foi homenageada também com uma Medalha de Mérito 2009, da Associação Brasileira Hereford e Braford, raças de gado de leite ou de corte.

O diretor-presidente, Pedro Arraes, recebe de Artur Lorentz, Secretário de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul, o prêmio Destaques 2009



Foto: Revista a Granja



Foto: Pedro Crusiol

Aposentado sim. Mas sem perder o contato

Pesquisador da Embrapa desde a fundação da Empresa, Celso de Almeida Gaudêncio trabalhou por mais de 20 anos na Embrapa Soja (Londrina/PR). Ele foi um dos pioneiros nas pesquisas sobre sistemas de produção vegetal, que incluíam a prática da semeadura direta e os sistemas mistos de rotação lavoura e pasto. Gaudêncio contribuiu para a divulgação desses sistemas em uma época em que essas práticas de manejo eram pouco difundidas. Aposentou-se em 2002, mas nunca perdeu o contato com os colegas da Embrapa e continua produzindo até hoje. “A Embrapa foi minha segunda casa. Sinto falta principalmente da nossa equipe de trabalho”, afirma.

Depois de aposentado, Gaudêncio passou a dedicar-se à criação de bovinos para a produção de carne e leite com qualidade natural a pasto em sua propriedade, no Paraná. Ele também escreve artigos sobre agropecuária para jornais, revistas e sites na internet como forma de dar continuidade ao que fazia na Embrapa. “Depois de tanta pesquisa e tantos trabalhos desenvolvidos, eu quero continuar contribuindo com o setor produtivo”.

Celso Gaudêncio hoje se dedica às atividades da pecuária

Autor do hino da Embrapa continua tocando a vida

Um dos autores do hino da Embrapa, o assistente Edvaldo do Espírito Santo, da Embrapa Algodão (Campina Grande, PB) acaba de pendurar as chuteiras aderindo à última leva do PDI da Empresa. Responsável pela melodia do hino, cuja letra foi composta por Ary Reis Ximendes, Edvaldo encerra suas atividades profissionais na Embrapa, mas não sua carreira na música. Contrabaixista respeitado na cidade de Campina Grande, ele deve agora se dedicar ainda mais a um dos principais prazeres de sua vida. Nos últimos anos, Edvaldo dividia suas atividades no setor de compras com uma ação humanitária importante à frente do Grupo de Apoio ao Próximo (GAP), formado por outros servidores da Embrapa Algodão e pessoas da comunidade campinense. “A felicidade que sinto é muito grande. A minha expectativa é que nosso hino seja acolhido por todos. Estar concluindo esse projeto é ter a satisfação por conseguir transformar todo meu esforço profissional em forma de melodia, rumo ao futuro, sempre”, comentou Edvaldo à época em que o hino ganhou o Festival de Arte e Cidadania.

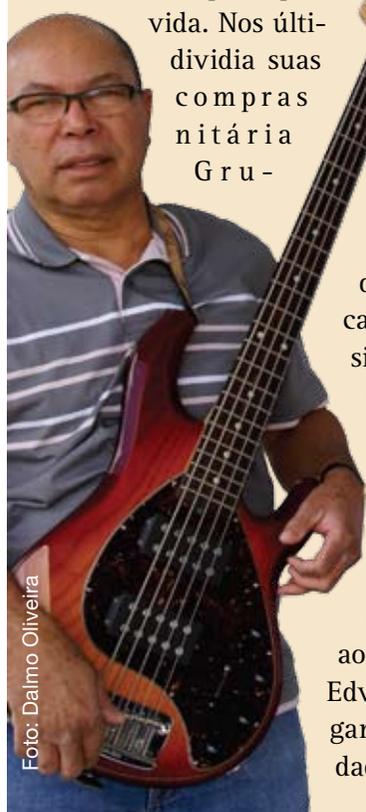


Foto: Dalmo Oliveira

Dançar faz parte da nova rotina de Kodama

27 de julho de 2009. Depois de 25 anos trabalhando na Embrapa Florestas (Curitiba, PR), onde acompanhou vários experimentos de pesquisas que contribuíram para o desenvolvimento do agronegócio brasileiro, chegou o dia do técnico agrícola Antonio Kodama despedir-se de seus colegas.

“É muito difícil descrever hoje o que eu senti naquele momento. Foi um misto de sentimentos. Alegria, por deixar a empresa com a sensação de dever cumprido, com a certeza de que eu fiz o meu melhor. Tristeza por perder a convivência diária com os vários amigos que fiz ao longo dos anos que passei aqui. Medo do desconhecido, afinal não sabia como seria daquele momento em diante, e principalmente com um enorme sentimento de gratidão à Embrapa por tudo que ela me proporcionou. Levo apenas boas lembranças da Unidade”, enfatiza.

Já adaptado à nova rotina que inclui aulas de dança de salão e caminhadas nos parques de Curitiba, o que Kodama está curtindo mesmo é a sua condição de vovô, aproveitando a companhia dos netos Leonardo, de sete anos, e Daniel, de quatro. “Agora eu tenho tempo para ficar mais perto deles. Não tem nada melhor do que poder acompanhar o crescimento dos meus netos”, conclui.

Nova rotina depois do PDI



Foto: Luciane C. Jacques